

## CAPÍTULO 1

### *A Alvorada*

Uma secular cidade inglesa com a sua catedral? Como pode erguer-se aqui esta secular cidade inglesa com a sua catedral?! Eis a famosa torre imponente, quadrada e cinzenta, da catedral antiga. Como pode ter vindo parar aqui?! De onde quer que a contemplemos, no mundo real, seja qual for a perspectiva, nenhuma estaca de ferro ferrugento se interpõe entre o olhar e a torre. Que estaca é esta que nos obstrui a vista, e quem a pôs neste lugar? Talvez tenha sido aqui cravada por ordens do sultão, para empalar uma quadrilha de salteadores turcos, um após outro. Assim é, com efeito, porque se ouve o ressoar dos pratos, e o sultão passa, a caminho do palácio, num longo cortejo. Dez mil cimitarras lampejam ao sol, e inúmeras dançarinas, três vezes dez mil, espalham flores em volta, às mãos-cheias. Seguem-se incontáveis elefantes brancos, ajaezados com xairéis multicores, de magníficos cambiantes, conduzidos por uma multidão de cornacas. Todavia, a torre da catedral ergue-se em pano de fundo, neste lugar incongruente, e, todavia, não se vê nenhuma figura humana a contorcer-se, empalada na soturna estaca. Alto! Dar-se-á o caso de a estaca ser tão curta como o pico ferrugento que adorna o alto de uma coluna, num dos cantos da armação de uma velha cama, gasta e desconjuntada pelo uso? Ponderar esta possibilidade exige um vago compasso de espera de riso sonolento.

Sacudido por calafrios que o percorrem dos pés à cabeça, o homem cuja consciência estilhaçada assim se recompôs fantástica-

mente acaba por se erguer, apoia o corpo trémulo nos braços e olha em volta. Está num quarto exíguo, extremamente humilde e abafado. Através da cortina esfiapada que cobre a vidraça, a luz da alvorada coa-se, vinda de um pátio miserável. Ele encontra-se estendido de través, vestido com a roupa de sair à rua, sobre uma grande cama de cobertas revoltas, cuja armação cedeu por completo ao peso dos corpos ali reclinados. Com efeito, deitados no leito, também vestidos e também estendidos de través, e não em postura longitudinal, estão um chinês, um lascar e uma mulher de rosto esgazeado. Os dois primeiros estão adormecidos ou mergulhados num torpor; a mulher puxa fumaças de um cachimbo bizarro, tentando acendê-lo. Enquanto assim se afadiga, de cachimbo nos lábios, ela protege o fornildo com a magra mão aberta, concentrando a centelha rubra de luz, de tal modo que, à ténue claridade matinal, este facho serve de candeia para revelar ao homem os seus traços.

— Mais um? — indaga esta mulher, num sussurro lamentoso e rouquejante. — Queres mais um?

Ele olha em volta, com a mão na testa.

— Já fumastes cinco desde que aqui chegastes, à meia-noite — prossegue a mulher, sem deixar de soltar os seus queixumes. — Pobre de mim, pobre de mim, dói-me tanto a cabeça. Estes dois entraram depois de ti. Ah, pobre de mim, o negócio vai mal, vai mal! Andam poucos chineses pelas docas e ‘inda menos lascares, e nenhum navio atracou, disseram-me estes! Ora aqui tens outro, prontinho a fumar, minha jóia. Tu tens bom coração, não é verdade?, não te vais esquecer que a mercadoria anda pela hora da morte, nos dias que correm, pois não? Pra cima de três xelins e meio por um dedalzinho de nada! E não te vais esquecer que só eu (e mais o Jack Chino do outro lado do pátio, mas esse não tem tanto jeito como eu) é que sei o segredo da mistura?<sup>1</sup> Vais pagar o preço justo, minha jóia, não é assim?

Puxa fumaças do cachimbo enquanto assim fala e, fazendo-o borbulhar esporadicamente, inala grande parte do conteúdo.

— Ai de mim, ai de mim, tenho os bofes fracos, tenho os bofes doentes! Está quase pronto pra ti, minha jóia. Ah, pobre de mim, pobre de mim, a minha mão treme tanto que não tarda deixo cair o cachimbo! Vi que ‘tavas a voltar a ti e pensei cá c’os meus pobres



*Na travessa*

botões: «Vou aprontar outro pra ele, e ele vai ter em mente o preço a que ‘tá o ópio e pagar o preço justo.» Ai, a minha pobre cabeça! Fabrico os meus cachimbos com frasquinhos de tinta pra escrever, ‘tás a ver este aqui, minha jóia?, e encaixo-lhes uma boquilha, assim, e depois tiro a mistura deste dedal com esta colherzinha de chifre; e é deste jeito que o encho, minha jóia. Ai, os meus pobres nervos! Apanhei grandes borracheiras durante dezasseis anos a fio, até que me apeguei a isto; mas o ópio não me faz mal, a bem dizer. E mata-me a fome, além do mais, como se me enchesse a barriga, minha jóia.

Ela passa-lhe para a mão o cachimbo quase vazio e torna a deixar-se cair no leito, voltando-se de bruços.

Ele ergue-se da cama, vacilante, pousa o cachimbo na pedra da lareira, afasta a cortina esfiapada e lança um olhar de repugnância aos seus três companheiros. Repara que a mulher, de tanto fumar ópio, parece agora uma estranha sócia do chinês. O contorno das faces, dos olhos e das têmporas deste, a sua tez, até, repetem-se nela. O dito chinês debate-se, convulso, lutando com um dos seus muitos deuses ou demónios, e rosna medonhamente. O lascar ri-se e escorre-lhe dos lábios um fio de saliva. A anfitriã permanece imóvel.

— Que visões poderá *ela* ter? — medita o homem acordado, no momento em que, estendendo o braço, volta o rosto dela para o ver melhor e lho fita de alto com atenção. — Visões de muitos açougues e tabernas, de crédito farto? De uma afluência acrescida de clientes medonhos, deste horrendo leito consertado, deste horrendo pátio varrido e limpo? A que outros sonhos mais elevados poderá ela ascender, sob o efeito de qualquer porção de ópio?... Hem?

Curva-se e apura o ouvido, tentando escutar os murmúrios da mulher.

— Incompreensível!

Enquanto observa os sacões e gestos espasmódicos que distorcem e agitam o semblante e os membros dela, quais raios fugazes a irromper num céu sombrio, um qualquer contágio parece apoderar-se dele, a ponto de o forçar a acercar-se de um modesto cadeirão, junto à lareira — ali posto, talvez, para emergências assim —, e a sentar-se nele, mantendo-se mudo e quedo até levar a melhor sobre aquele espírito impuro de imitação<sup>2</sup>.

Então regressa ao leito, salta sobre o chinês e, agarrando-o pelo pescoço com ambas as mãos, volta-o violentamente na cama. O chinês finca os dedos nas mãos agressivas, resiste, arqueja e protesta.

— O que é que estás a dizer?

Uma pausa atenta.

— Incompreensível!

Soltando o outro devagar, ainda que, de rosto franzido e alerta, lhe continue a escutar a algaraviada incoerente, volta-se para o lascar e, deitando-lhe as mãos aos colarinhos, arrasta-o, pura e simplesmente, para o meio do chão. No momento em que cai, o lascar soergue-se de repente, como se despertasse, arregala os olhos injectados de sangue, desfere em volta pancadas ferozes e saca de uma navalha imaginária. Torna-se então evidente que a mulher se apoderou da navalha dele, por precaução; com efeito, também ela se soergue e tenta prender-lhe as mãos, lançando-lhe uma torrente de imprecizações, e, quando tornam a cair ambos no leito, lado a lado, numa letargia, a navalha é visível nas vestes dela, não nas dele.

Há entre eles muita tagarelice e muita zaragata, mas tudo em vão. Quando uma palavra distinta é proferida alto e bom som, não tem sentido nem sequência lógica. Portanto, «incompreensível!» torna a ser o comentário do observador, proferido com um sorriso soturno e um aceno de cabeça de quem sente confirmadas as suas suspeitas. Ele deixa então uma certa quantia de dinheiro, em moedas de prata, sobre a mesa, procura o chapéu, desce a escada decrépita a cambalear, agarrando-se com ambas as mãos, dá os bons-dias a um porteiro que está deitado na cama, no seu cubículo negro infestado de ratazanas, por baixo da escada, e sai para a rua.

Naquela mesma tarde, a torre imponente, quadrada e cinzenta de uma velha catedral ergue-se diante dos olhos de um viajante exausto. Os sinos tocam, anunciando o serviço religioso quotidiano de vésperas, e a presença dele é requerida na cerimónia, dir-se-ia, a avaliar pela pressa com que se encaminha para a porta da catedral, aberta de par em par. Os rapazes do coro vestem apressadamente as suas sobrepelizes brancas conspurcadas quando ele entra na divisão onde se encontram; num instante, ele veste a sua própria sobrepeliz